

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

IVONETE CRESTANI DE SOUZA

**GESTÃO DA SALA DE AULA E A PARCERIA ENTRE PROFESSOR E
COORDENADOR PEDAGÓGICO**

**CURITIBA
2014**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

IVONETE CRESTANI DE SOUZA

**GESTÃO DE SALA DE AULA E A PARCERIA ENTRE PROFESSOR E
COORDENADOR PEDAGÓGICO**

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso
de Especialização em Coordenação
Pedagógica, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Adriana Teles de Souza

CURITIBA
2014



GESTÃO DE SALA DE AULA E A PARCERIA ENTRE PROFESSOR E COORDENADOR PEDAGÓGICO

Autora: Souza, Ivonete Crestani de¹
Orientadora: Souza, Adriana Teles de²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo uma reflexão a respeito da parceria entre o coordenador pedagógico e o professor, analisando como os docentes realizam seu trabalho em sala, suas dificuldades e necessidades e nesse contexto, a atuação do coordenador pedagógico. Tece considerações quanto aos desafios inerentes à escola pública, bem como quanto ao processo de ensino e aprendizagem, levando em conta o perfil do profissional na função da coordenação pedagógica a partir da revisão bibliográfica com base em autores como Vygotsky (1998), Vasconcellos (2002), Saviani (2008) em diálogos com outros autores. Buscou-se ampliar conhecimentos para a prática cotidiana, e evidenciar o papel fundamental da parceria entre o coordenador e o professor como orientador dos planos de ensino, das estratégias, dos recursos metodológicos e da mediação dos conflitos em sala de aula, presentes, na escola. O estudo foi realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil da Cidade de Maringá, no Estado do Paraná, no ano de 2014. Apresenta reflexões e sinaliza algumas alternativas na gestão da sala de aula, bem como os desafios a serem superados para que a criança tenha um desenvolvimento mais satisfatório no processo de aprendizagem.

Palavras Chave: Gestão; Coordenação Pedagógica; Professor; Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema partiu da necessidade de ampliar a visão desta área, para posterior atuação prática. Outra questão que justifica a escolha deste tema relaciona-se diretamente com a competência técnica necessária para se realizar uma prática pedagógica que atenda aos alunos oriundos das camadas populares menos favorecidas, ou seja, com as questões de problemas

¹ Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão Escolar, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e aluna Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

² Mestra em Educação e Professora Pesquisadora do Curso de Coordenação Pedagógica do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

relacionados com a aprendizagem escolar, seja por parte do professor, seja por parte do coordenador pedagógico.

Neste sentido, nos parece importante o conhecimento dos fatores que envolvem tais problemas, pois, permite que tanto os educadores, quanto os coordenadores pedagógicos possam contribuir de forma efetiva para a formação deste cidadão, que se encontram na escola pública.

Acredita-se que se os docentes e os coordenadores pedagógicos não souberem trabalhar, por exemplo, com dificuldades de aprendizagem, o desenvolvimento da criança em relação a aprendizagem fica comprometida.

O **objetivo** geral da pesquisa se insere, em averiguar a gestão de sala de aula pautada na parceria entre professor e coordenador pedagógico, pela revisão bibliográfica com base em autores como Vygotsky (1998), Vasconcellos (2002), SAVIANI (2008) em diálogos com outros autores. Buscou-se ampliar conhecimentos para a prática cotidiana, e evidenciar o papel fundamental da parceria entre o coordenador e o professor como orientador dos planos de ensino, das estratégias, dos recursos metodológicos e da mediação dos conflitos em sala de aula, presentes, na escola.

Decorrente do objetivo geral, os **objetivos específicos** nortearam a reflexão a respeito do tema, no intuito de verificar a percepção das professoras em relação ao trabalho da coordenação pedagógica em suas principais dificuldades na gestão da sala de aula; evidenciar a importância do envolvimento do coordenador pedagógico no planejamento coletivo; elencar possíveis soluções ou alternativas para amenizar as dificuldades e otimizar resultados.

Optou-se pela pesquisa de campo norteadas pela revisão bibliográfica incorporando elementos da técnica do grupo focal, para a coleta de dados, ou seja, como forma de buscar respostas para algumas indagações.

Reafirmamos que foram utilizados apenas alguns elementos da técnica de grupos focais, ou seja, os que se adaptaram aos objetivos da pesquisa e ao número de professoras participantes, constituindo um grupo de cinco professoras. Ressaltamos que as professoras participantes da pesquisa foram identificadas por siglas em suas falas.

No diálogo com o grupo focal, foi possível categorizar os dados do seguinte modo:

**Os desafios e alternativas no desenvolvimento das crianças;
Fatores que influenciam na atuação da professora de forma a mediar o
conhecimento das crianças.**

Realizou-se um encontro, com o moderador, sem a figura do observador.

[...] como “uma técnica de discussão não diretiva, em grupo, que reúne pessoas com alguma característica ou experiência comum para discussão de um tema ou área de interesse. Tendo em foco um determinado assunto, a discussão não busca o consenso, mas levantar as diferentes opiniões, atitudes, pensamentos e sentimentos, expressos verbalmente ou não, em um tempo relativamente curto. (PLACCO, 2005, p. 302)

Cinco professoras participantes ressaltaram pontos de fragilidade, bem como fatores que contribuem para que o trabalho docente seja bem desenvolvido. Nossa **hipótese** é de que a ação efetiva e constante do coordenador pedagógico, pela mediação e não pelo autoritarismo, em parceria com os docentes, produz um trabalho pedagógico mais eficiente em sala de aula.

Nesse acompanhamento se destaca um elemento detectado durante a observação no grupo focal: a importância do planejamento coletivo.

A organização do texto da pesquisa apresenta-se em etapas. Num primeiro momento, apresenta as considerações a respeito dos desafios da escola pública, considerando que o Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) em questão é uma escola pública. No segundo momento destacou-se a relação direta entre ação docente e aprendizagem sob a ótica da Pedagogia Histórico-Crítica entendendo o coordenador pedagógico como mediador e parceiro do professor na gestão de sala de aula. O terceiro momento traz as principais considerações resultantes da reflexão junto a cinco professoras do referido CEMEI, no grupo focal. Por último, as considerações finais.

1 O DOCENTE, O COORDENADOR E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA

A educação de modo democrático pode motivar para a compreensão da liberdade do pensamento, de discernimento, de participação nos processos sociais, que envolvem a relação ensino e aprendizagem. Na abordagem histórico-crítica a escola tem a função de possibilitar o desvelamento dos processos sociais e não apenas transmitir conteúdos a serem memorizados. Nesse sentido, a parceria entre docente e coordenador emerge como componente significativo da gestão escolar.

Para tanto é necessário trabalhar conteúdos significativos para o aluno, tendo como ponto de partida e chegada a sua realidade, procurando refletir a respeito do conteúdo retirado da prática social e histórica, questionando, para compreender que a cultura não existiria sem socialização e sem as conquistas humanas. Entender o aluno um sujeito situado historicamente, que traz um saber que lhe é próprio, estimulando-o a ser um cidadão questionador, observador, crítico, participativo, que analisa a realidade na qual está inserido, visando nela interferir para transformá-la.

Ao se referir a conteúdos significativos para o aluno, nos referimos a realidade de uma escola pública, ou seja, ao CMEI pesquisado, e acreditamos que a parceria entre o docente e a coordenação pedagógica passa por esse contexto.

Se queremos uma escola transformadora, precisamos transformar a escola que temos aí. E a transformação dessa escola passa necessariamente por sua apropriação por parte das camadas trabalhadoras. É nesse sentido que precisam ser transformados o sistema de autoridade e a distribuição do próprio trabalho no interior da escola. (PARO, 2001, p. 10)

Atuar na escola pública requer um olhar para questões específicas, tanto do perfil do aluno quanto das formas de gestão de recursos financeiros e da “distribuição do trabalho no interior da escola”. Acreditamos, como Paro, que a distribuição do trabalho no interior da escola deva ser democrático e participativo, razão pela qual se propõe o sistema de parceria proposto, recusando o enclausuramento do professor em sua sala de aula, e o fechamento do coordenador em questões unicamente burocráticas ou questões que se confundam com a função do orientador educacional e do diretor da escola.

Ao professor e ao coordenador pedagógico cabe buscar, cada qual em sua realidade e em parceria, todas as formas possíveis de desenvolver uma cultura transformadora, compromissados com a realidade e com a tarefa de elevar os níveis de educação. De acordo com as discussões da prática são possíveis no espaço privilegiado das reuniões pedagógicas, em cuja participação implica “*se envolver com as discussões feitas antes da reunião, durante e após*”. (VASCONCELLOS, 2002, p. 13)

Essa é uma das formas de se pensar a realidade da escola em conjunto, de forma participativa e democrática. Neste processo de discussão da prática, no espaço de divergências, e, acima de tudo, de objetivos comuns, pode se vivenciar um pouco da tão discutida democracia, pois, é nesta busca que se amadurece a compreensão e se modifica a prática.

Neste sentido, o papel da escola em relação à sociedade, é de uma instância de mediação, que compreende a participação e o envolvimento de toda a comunidade escolar, (especialistas da educação, professores, funcionários, pais e alunos) nas decisões efetivas direta ou indiretamente implementando os órgãos colegiados, possibilitando assim o fortalecimento da escola pública. O processo educacional passa pela análise da realidade global e local com suas contradições e desafios em seu aspecto social, econômico, cultural, político e religioso. Este deve preocupar-se com o que é necessário fazer para diminuir a distância da escola que temos e aquela que desejamos.

Dessa forma, se faz necessária a parceria a que este estudo se refere, para que o docente seja competente no seu fazer, apesar de todas as dificuldades, limites e desafios que se apresentam no dia-a-dia e o coordenador, execute sua função com competência.

A escola, assim, é lugar de debate, de trabalho coletivo e que supere qualquer forma de individualismo, na qual o compromisso de cada um seja a base do fazer pedagógico.

Entende-se assim que, educar é pensar criticamente a sociedade, mostrando a relação entre o fazer e o pensar.

Para isso é necessário que, todos os envolvidos no processo educacional tenham clareza das novas concepções de mundo, de ser humano, educação, cultura, bem como, conhecimento das leis; para que, conscientemente possamos formar um cidadão crítico, ciente do seu papel na

sociedade, visando nesta interferir, para a sua transformação. Desde a Educação Infantil, tal desafio se põe para educadores e coordenadores comprometidos com uma educação transformadora na Escola Pública.

2 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PARCERIA COM OS DOCENTES NA GESTÃO DA SALA DE AULA

De acordo com Vygotsky, *“a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão de mundo considerando suas potencialidades, e a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas”*. (VYGOTSKY citado por REGO, 1992, p.6)

Neste sentido, um dos conceitos de desenvolvimento em Vygotsky diz respeito ao desenvolvimento proximal, o qual entende-se pela distância entre o que a criança já consegue realizar sozinha e o que consegue com auxílio de adultos. Incidir cognitivamente nessa área produz avanços que não ocorreriam espontaneamente.

Segundo o próprio Vygotsky, poderia se comparar a um processo de amadurecimento, isto é

Essas funções poderiam ser chamadas de “broto” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VYGOTSKY, 1998, p. 113).

Assim, deduz-se que ação docente mediadora faz com que, por processos de ensino adequados, se incida sobre a zona de desenvolvimento proximal, levando a criança a um nível de desenvolvimento que atinja a área da zona de desenvolvimento potencial.

Portanto, à questão da apropriação dos conteúdos escolares e ao fazer pedagógico que requer formação continuada possibilitando o aperfeiçoamento do educador. Nessa perspectiva a escola assume o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa, a cultura de base produzida no cotidiano e a provida pela escolarização, possibilitando aos alunos

tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de compreenderem a realidade na qual estão inseridos.

No entanto, o que propiciará maior aprendizagem e uma visão de mundo mais aberta, mais crítica, será sempre o diálogo esclarecedor entre os alunos e o professor, diálogo que passa por uma organização do cotidiano escolar, pela seleção de conteúdos na perspectiva crítica, e pela atuação do coordenador e dos docentes.

Assim, a transmissão-assimilação do conhecimento sistematizado, passa a ser o foco da construção do saber escolar. Portanto, o conhecimento científico deve ser tomado como o elemento básico da referência para a organização do ensino que se envolve com o sujeito levando-o a refletir sobre a prática escolar, identificando seus problemas, estabelecendo prioridades e formas de encaminhá-las.

O trabalho do coordenador, então, pode também ser visto, como *“um espelho refletor”, que reluz, reflete a realidade pedagógica, confrontando teoria e prática, o que se planejou e o que se conseguiu executar.*” (DALBEM, 2004, p.56).

Sendo uma das finalidades da escola e a mais importante que é determinar os métodos e processos de ensino e aprendizagem, a transmissão-assimilação do conhecimento sistematizado passa a ser o foco da construção do saber escolar.

Portanto, o conhecimento científico deve ser tomado como o elemento básico da referência para a organização e qualidade do ensino, visto que supõem profissionais do ensino com sólida formação básica, aí compreendidos o domínio dos métodos e técnicas de ensino e o acesso à educação continuada.

Dada à disponibilidade de informações cada vez mais rápidas e disponíveis que, de certo modo, deixam de ser propriedade exclusiva de especialistas, os profissionais da educação, entre eles coordenadores e docentes, deverão, não só estar a par dos instrumentos e conteúdos que as disponibilizam, como exercer sua autoridade em bases críticas e reflexivas. Para tanto,

O exercício da atividade docente requer preparo. Preparo que não se esgota nos cursos de formação, mas para o qual o curso pode ter uma contribuição específica enquanto conhecimento sistemático da realidade do ensino-aprendizagem na sociedade historicamente situada [...] enquanto possibilidade de se antever a realidade. (PIMENTA, 2006 p.105).

A atividade docente, bem como o exercício da coordenação pedagógica exige preparo e atualização permanente, atualizações que acompanhem a evolução da sociedade historicamente situada.

Os professores devem promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno. A promoção do aluno, porém, deve estar vinculada a uma aprendizagem efetiva e deve ser consequência de um trabalho pedagógico comprometido com a função social da escola. Isso significa trabalhar a favor do aluno, para que ele aprenda. Professor e coordenador são exigidos, cada qual na sua função, e em parceria, a manter sua competência técnica e consciência política.

Do professor, há que se exigir uma retomada do seu papel na sociedade, e que, como educador, além da competência intelectual e a competência técnica, tenha também a competência política. Com esta tríplice visão, busca-se caminhos que estabeleçam a compreensão e a organização de suas experiências de vida. A valorização das pessoas que se envolvem com o magistério tem que partir delas mesmas (BEHRENS, 1996 p.35).

Dos educadores se espera a efetivação do processo de ensino/aprendizagem, o conhecimento e participação ativa no projeto pedagógico da escola em relação ao seu plano de trabalho, pelo qual expressa um anseio de crescimentos dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática.

A gestão da sala de aula a que nos referimos comporta elementos do campo da aprendizagem e da disciplina, como a criatividade no preparo das aulas, para que sejam motivadoras e interessantes. Assim, *“nem sempre é fácil criar atividades de aprendizagem que interessem, simultaneamente, aos alunos mais capazes e os menos capazes”* (ARENDS, 1995, p. 122). Tal constatação surgiu nas discussões do grupo focal, indicando que o acompanhamento do coordenador pedagógico é necessário como suporte para

o docente, que, muitas vezes, por formação, por desinteresse ou falta de recursos materiais na escola, não traz para a sala de aula aparatos como jogos, estímulos visuais e sonoros que auxiliam e enriquecem o trabalho docente.

A parceria se constitui, exatamente, no conceito de “par”, ou seja, de estar junto, de auxiliar o professor na execução do planejamento, além de provocar e de despertar para novas possibilidades.

O coordenador, como todo educador, vive esta eterna tensão entre a necessidade de dirigir, orientar, decidir, limitar, e a necessidade de abrir, possibilitar, deixar correr, ouvir, acatar, modificar-se. Todavia, o dirigir, o orientar, mais do que o sentido restritivo, tem o objetivo de provocar, despertar para a caminhada, para a travessia, para abandonar o aconchego do já sabido, do já vivido. (VASCONCELLOS, 2011 p.3).

A parceria do coordenador com o professor reside nesta “tensão” entre orientar de forma a despertar para um compromisso mútuo, e experimentar novas estratégias, novas possibilidades, experimentar novos caminhos. Trata-se, no entanto de uma tensão saudável, ou seja, um movimento dialético, no qual participam ativamente o coordenador e o professor, numa troca de experiências, sugestões, possibilidades.

2.1 A Importância do Planejamento na Ação Pedagógica

Um desafio que certamente passará pela questão da democratização da escola e do saber é o processo de planejamento. Isto porque a participação nas decisões, as relações democráticas e o envolvimento dos professores no trabalho pedagógico são questões básicas do objetivo da atividade docente. A participação dos professores deve ser efetiva na organização da escola, nos conteúdos a serem ensinados e na sua administração à medida que dominarem os conteúdos e as metodologias específicas para o seu trabalho, para tornarem-se autônomos e contribuir para que ocorra a democratização na escola.

Considerando que toda ação deve ser acompanhada de reflexão, o planejamento passa a ser um ato político (Martins, 2011), em que a execução

deve ser uma forma de construção dos resultados esperados, não só pela realização do processo planejado, mas também por meio do replanejamento das atividades a partir de decisões tomadas em decorrência de avaliações.

Uma das finalidades da escola é de efetivar os métodos e processos de ensino e aprendizagem. Assim, a transmissão-assimilação do conhecimento sistematizado, conforme Saviani (2008) passa a ser o foco da construção do saber escolar.

Compreendendo que, o conhecimento científico não se trata de qualquer saber, e sim, de uma forma mais articulada, de maior capacidade explicativa, dos elementos que compõem a prática social.

Na problemática da pesquisa apontou-se a questão da parceria entre docente e coordenador, destacando que o momento do planejamento, requer envolvimento da coordenação pedagógica como articuladora e mediadora dos processos de ensino que se efetivarão em sala de aula.

Sob a ótica da pedagogia histórico-crítica, pode-se afirmar que ao acompanhar a elaboração e execução do planejamento, o coordenador pode e deve problematizar, questionar e pontuar questões referentes, por exemplo, à seleção de conteúdos, que é um dos desafios do momento do processo de planejamento.

No Centro de Educação Infantil, por exemplo, os conteúdos de psicomotricidade, de socialização, de expressão corporal, devem ser contemplados de forma marcante. É papel do coordenador pedagógico, garantir que o docente trilhe por esse caminho.

Para assegurar a qualidade, do planejamento, concordamos com Paro (1996) que indica que a gestão deve abandonar o tradicional modelo autoritário e evoluir para mecanismos de gestão coletiva,

[...] é preciso que todos os que estão direta ou indiretamente envolvidos no processo escolar possam participar das decisões que dizem respeito à organização e funcionamento da escola. Em termos práticos, isso implica que a forma de administrar deverá abandonar seu tradicional modelo de concentração de autoridade nas mãos de uma só pessoa, [...] evoluindo para formas coletivas que propiciem a distribuição da autoridade de maneira mais adequada a atingir os objetivos identificados com a transformação social. (PARO, 2001, p.160)

Assim, planejar envolve não apenas a ação do professor, nem da direção e equipe pedagógica, e sim a coletividade e participação democrática, como pode ser visto também na LDBEN 9394/96, em relação ao projeto político pedagógico, do qual decorrem os planos de ensino e os planos docentes,

Art. 14º. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola LDBEN - Lei nº 9394/96.

O ato de planejar o processo de ensino e de aprendizagem exige dos professores a definição de valores, significados e concepção de educação. O planejamento de ensino constitui-se em espaço coletivo para discussão, sistematização e apropriação da práxis de instrumentos teórico-metodológicos, que permitam a todos os envolvidos reafirmar suas posições e avaliar suas práticas, ressignificando tais práticas.

Nesta perspectiva, a construção do Projeto Político Pedagógico e de todos o planos decorrentes, deve ser concebida, no cotidiano da prática social docente como um ato político, de resgate dos princípios que embasam a prática pedagógica num processo de ação-reflexão-ação, como base para a estruturação pedagógica da escola. Numa perspectiva de construção coletiva.

Trata-se do plano global da instituição escolar. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar a partir de um posicionamento quanto a sua intencionalidade e de uma leitura da realidade. (VASCONCELLOS, 2002, p.16)

A efetivação desta prática comprometida politicamente com a aprendizagem do aluno da escola pública deve ser planejada em função dos fins pretendidos, bem como, a realidade concreta que os determina.

Pois toda ação deve ser acompanhada de reflexão, conforme atenta Saviani (1994), o planejamento passa a ser um “ato político” em que a execução deve ser uma forma de construção dos resultados esperados, não só pela realização do processo planejado, mas também por meio do

replanejamento das atividades a partir de decisões tomadas em decorrência de avaliações.

Numa perspectiva dialética, como propõe a Pedagogia Histórica Crítica, o docente, no papel de mediador, tem o compromisso de levar o aluno a refletir o conteúdo proposto, partindo da prática social, da realidade conhecida pelo aluno, e em seguida, problematizar e propor situações de compreensão da realidade com o objetivo de transformá-la.

Assim, cabe ao coordenador como agente mediador entre o conhecimento e a realidade, entre o docente e a sala de aula, fazer intervenções significativas e participar ativamente da elaboração dos projetos pedagógicos e planos de ensino.

A grande maioria dos professores tem ciência de que, ao transmitir conteúdos significativos passam-se também atitudes, valores, hábitos e normas de conduta; capacitando assim os alunos a selecionar informações e principalmente internalizar instrumentos cognitivos, isto é, saber pensar de modo reflexivo.

Enquanto mediador do processo ensino aprendizagem, o professor procura conhecer a realidade com a qual vai trabalhar para ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno e dos meios de comunicação.

Segundo Gasparin (2007), a mediação é o papel de facilitador, provocador, orientador, para que o aluno, a criança, compreenda os conceitos ensinados pelo professor.

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador. [...] primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstroem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido (GASPARIN, 2007, p.113-114).

Durante muito tempo os sistemas de aprendizagem foram baseados em metodologias de trabalho pedagógico de forma mecânica, repetitiva, na qual os alunos memorizavam mais do que aprendiam.

O fundamental é que o aluno amplie sua capacidade de compreensão e possa se apropriar de conhecimentos necessários, podendo assim vivenciar

situações de interação social plena desde muito cedo, como na Educação Infantil, conseguindo uma comunicação real com autonomia. O trabalho pedagógico consiste em desenvolver atividades que sejam significativas, centradas nas curiosidades, interesses, necessidades e possibilidades dos alunos, ajudando-os no avanço efetivo do seu processo de desenvolvimento global.

A ação pedagógica se dá via contexto sócio-cultural, a estrutura dos conhecimentos de área e os processos de construção de conhecimentos, que tem como base os conhecimentos já produzidos em diferentes perspectivas, o que traz à tona uma reflexão sobre os limites e possibilidades para os conteúdos das diversas áreas.

Tal mediação acontece por meio de metodologias adequadas, interativas, especialmente com alunos que apresentem dificuldades de aprendizagem e que precisam de maior tempo para processamento de informações, ou atendimento individualizado com maior frequência em sala de aula, ou ainda, auxílio de materiais concretos, lúdicos, que auxiliem na compreensão dos conteúdos.

Desta forma, a Pedagogia Histórico Crítica, que norteia o trabalho no CMEI em questão, concebe a educação como um processo mediado por relações sociais e influenciado pela ação docente no sentido de propiciar o desenvolvimento do indivíduo para que haja aprendizagem. As experiências anteriores às experiências novas, como também os erros serão instrumentos que servirão como alicerce para novas construções, elaborações e reelaborações de conhecimentos.

Atentar para os processos de aprendizagem que não descuidem das dificuldades apresentadas por algumas crianças, desde a educação infantil é um dos requisitos para ação docente, sendo necessário que os gestores proporcionem materiais, condições, mecanismos, para que os professores ajudem a criança a superar ou ao menos minimizar tais dificuldades, sejam elas de leitura, de escrita, de socialização ou outras. Juntamente com o orientador educacional, deve estar atento às questões das dificuldades de aprendizagem das crianças, no sentido de auxiliar no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem e na superação delas, pelo aluno.

Concretamente, a ação do coordenador, em parceria com os docentes na gestão da sala de aula, requer, entre outros requisitos: proporcionar ambiente de trabalho favorável ao diálogo; propor e fazer acontecer reuniões periódicas de planejamento e avaliação do trabalho docente; verificar constantemente a adequação dos materiais lúdicos à disposição dos docentes; manter contato frequente com pais e familiares dos alunos; manter os professores informados a respeito de inovações necessárias e benéficas para o trabalho em sala de aula, como por exemplo, o uso de novas tecnologias.

3 DESAFIOS E ALTERNATIVAS DE SUPERAÇÃO NA GESTÃO DE SALA DE AULA – O CAMPO DE PESQUISA E OS DADOS COLETADOS

O Centro Educação Municipal de Educação Infantil campo deste estudo é um local cuja mantenedora é a Prefeitura Municipal de Maringá no estado do Paraná. Atende-se atualmente 360 crianças na idade de zero a cinco anos. O espaço físico foi totalmente reformado em 2012, oferecendo melhores condições para se acolher a crianças. Há um pátio coberto onde as crianças fazem suas atividades físicas, dois parquinhos e um local com árvores onde as crianças podem brincar à vontade. São atendidas dez turmas, distribuídos entre sete professores, que atendem exclusivamente os alunos do infantil 4 e 5, inclusive professores de Arte e Educação Física no período da manhã. No período da tarde os alunos são atendidos pelas educadoras que também respondem pela parte pedagógica, porém de forma mais lúdica. Tem também oito auxiliares gerais, sendo que duas delas atendem na cozinha e lactário do berçário.

A diretora é graduada em Pedagogia, uma das exigências da Secretária da Educação do Município. A coordenadora pedagógica e uma orientadora educacional realizam reuniões e atividades diversas com pais, alunos e professores, sendo que todo o trabalho é coordenado diretamente pela Secretaria do município - (SEDUC). Todos os profissionais são concursados, exceto a Direção, que é indicada pelo prefeito municipal.

A maioria dos profissionais que atendem as crianças no CMEI cursaram ou estão cursando a faculdade.

Em coerência com a sustentação teórica da pesquisa, realizou-se um encontro focal com as professoras que se disponibilizaram dialogar a respeito das expectativas e necessidades da parceria da coordenação pedagógica na gestão da sala de aula. Estão identificadas pelas iniciais dos seus nomes, de acordo com o contrato feito no início do encontro do grupo. Esta metodologia de coleta situa-se no campo da pesquisa qualitativa.

No diálogo com o grupo focal, foi possível categorizar os dados do seguinte modo:

Os desafios e alternativas no desenvolvimento das crianças; Fatores que influenciam na atuação da professora de forma a mediar o conhecimento das crianças. Ressaltamos que as professoras participantes da pesquisa foram identificadas pelas iniciais em suas falas.

3.1 Os desafios e alternativas no desenvolvimento das crianças

Procurou-se deste modo, enfatizar que o objeto de reflexão é a gestão da sala de aula e não uma avaliação da atuação do coordenador. Algumas questões trazidas pelas professoras se destacaram, em relação à parceria entre a coordenação e o docente, assim como os sentidos e significados atribuídos aos conhecimentos disponibilizados às crianças. Como se averigua na seguinte fala,

Para mim **a ajuda da coordenadora é muito importante** e seu apoio nos dá muita segurança para realizar as atividades pedagógicas, principalmente para **as crianças que não tem interesse nenhum pelo estudos ou aquelas que só querem ficar brincando**. Destaco o trabalho realizado por ela coordenadora, que está sempre ao nosso lado, **colaborando com suas idéias** e nos apoiando a todo o momento. **Para mim é muito importante realizar um plano diversificado** que desperte a curiosidade das crianças para uma boa aprendizagem e que também **promova o desenvolvimento integral das crianças**. (SC, em 22/05/2014).

Também afirma que para ela estas são as condições determinantes para a superação de dificuldades de aprendizagens, cujo propósito será o compreender e o saber fazer da docente.

Porém, apesar de refletir a importância entre a parceria coordenação e professora, sua fala traz uma problemática encontrada na educação infantil a de que o brincar não se enquadra nos processos de ensino. Isto é algo grave e

que precisa ser revisto com urgência, pois, todo o processo de aprendizagem de uma criança deve ter como princípio fundamental o brincar, que não pode ser visto como algo sem importância. Visto que o brincar aparece nas pesquisas comprometidas com a criança, como meio indispensável para o crescimento saudável e para a passagem do processo lúdico infantil em atividades mais complexos da aprendizagem. Neste sentido, o brincar é um estudo sério da criança em relação a sua realidade. Priorizar o brincar na educação infantil é o real desenvolvimento da criança.

Perguntamos ao grupo quanto aos materiais que necessitam para o desenvolver de seus trabalhos se está ao alcance delas ou não. A professora relata,

Quando vou realizar o planejamento já observo se existe o material, **muitas vezes deixo de realizar o plano de aula desejado por faltar o material no CMEI**, muitas vezes a coordenadora vai atrás para emprestar de outro CMEI ou mesmo emprestar de outra entidade, mas que na maioria das vezes eu **realizo as atividades de forma diferenciada do desejado**, uma vez que **cabe a escola proporcionar atendimento de qualidade às crianças com déficit de aprendizagem** de forma que construam e ampliem seus conhecimentos e convivência com as demais crianças, cabendo a mim enquanto professora propiciar uma prática pedagógica com ações que assegurem, nas relações que são estabelecidas, o direito da criança em suas necessidades: físicas, emocionais e intelectuais, a fim de promover o seu desenvolvimento pleno. (IS, em 22/05/2014).

Em relação ao uso de materiais concretos em sala de aula, ela relata que já na hora do planejamento, procura saber que materiais a escola tem disponíveis, e quando detecta que vai precisar de algo mais, procura emprestar de outra escola, procura a coordenadora para ajudar a resolver o problema e até compra alguma coisa, levando em conta que nem sempre é possível fazer muito investimento em materiais, mas sempre procura resolver.

Algumas pesquisas a respeito de material concreto na Educação Infantil, como as de Kishimoto (2002), demonstram que não se trata de um incremento, um enriquecimento no trabalho pedagógico, mas de um componente obrigatório para a aprendizagem. Desta forma, pode se verificar este significado do material concreto para a criança na seguinte fala,

Para a realização do meu trabalho **os materiais, são indispensáveis**, vejo como muito importante na Educação Infantil, por que **ajudam no desenvolvimento psicomotor, motor e cognitivo**, como jogos, livros de literatura atraentes, painéis

coloridos. **Manipular objetos faz parte do cotidiano da educação infantil.** A escola dispõe de tais materiais, no entanto, há necessidade de aquisição de maior quantidade e diversificação, (MA, em 22/05/2014).

Os materiais podem parecer brinquedos, no entanto, nesse caso, ou seja, no contexto escolar, deixam de ser brinquedos apenas, incorporando-se à categoria de “material” pedagógico. *“Quando o brinquedo está a serviço da ação docente, o brinquedo perde sua função lúdica, e deixa de sê-lo para se tornar um material pedagógico”.* (KISHIMOTO, 2002 - 1994, p. 14)

3.2 Fatores que influenciam na atuação da professora de forma a mediar o conhecimento das crianças

Nesta categoria foram identificadas às falas que retrataram os fatores que direta ou indiretamente afetam a mediação docente. Uma observação das professoras chamou a atenção quanto ao relacionamento,

O meu maior desafio é superar a dificuldade de relacionamento que tenho com algumas crianças, sinto certa dificuldade no relacionamento professor/aluno, **não é muito fácil, lidar com algumas crianças** que não respeitam a professora, ofendem com palavrões, as vezes quando ficam muito nervosos jogam brinquedos, sapatos e as vezes tentam me morder, quando não conseguem seu intento. Quando vejo que não consigo **controlar a criança**, peço ajuda da coordenadora, mas isso é muito raro eu fazer, só peço socorro quando eu fico muito nervosa. (MA, em 22/05/2014).

O afeto como uma estratégia de acolhida e facilitação da aprendizagem para os alunos, por serem crianças de zero a cinco anos, muitas vezes carentes de afeto em seus lares, que buscam esse afeto, mas também sabem demonstrar, no ambiente escolar. A fala da professora MA identifica uma das problemáticas instituídas na educação infantil, a da escolarização cada vez mais cedo das crianças, em detrimento do seu processo de amadurecimento para atividades escolares. Verifica que o direcionamento das atividades pensadas a partir da ludicidade afeta de modo mais significativo a criança. O

afeto, de certa forma, como indica Saltini (2002), ajuda a criança a compreender o mundo, e o professor, por sua vez, deve conhecer suas necessidades de criança,

[...] deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criança que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (SALTINI 2002, p.70).

As dificuldades de aprendizagem situam-se, pelo que a pesquisa demonstrou, em polos, ou seja, não só na questão professor – aluno, mas em um trabalho coletivo. Dito de outra forma, os alunos chegam à escola sim, com dificuldades de aprendizagem, por outro lado, as metodologias utilizadas, a base teórica da escola, a dedicação do professor, podem sim, ajudar a superar tais dificuldades, ou amenizar. Caso contrário, a criança pode seguir sua vida escolar sempre “patinando” em dificuldades de leitura, escrita, e socialização.

Ainda durante o encontro do grupo focal, uma das participantes indica um dos maiores desafios visto por ela, a relação de confiança entre o adulto e a criança, a falta de compreensão de mães e pais em relação ao entendimento da criança sobre a realidade, afeta sua relação com o meio,

Para mim, é **a questão do meio social em que as crianças vivem**, vejo que a maioria dos pais ou se sentem culpados por ter pouco tempo para as crianças e acabam deixando de impor limites em casa, o que se reflete na escola, e **comportamentos indisciplinados** e outras dificuldades. **Para mim a criança precisa saber a verdade**, ela compreende se for explicado o motivo dos pais saírem para o trabalho. Não concordo com os pais que deixam as crianças na creche e saem escondidos deles, ou mesmo dizem a elas que logo voltam. A meu ver a criança fica iludida e passa a não acreditar mais no adulto. (MA, em 22/05/2014).

Em relação às alternativas de superação para as dificuldades da gestão da sala de aula, houve um relato sugerindo uma estratégia para ajudar a diminuir a dificuldade de concentração das crianças, expresso na fala a seguir,

Enquanto professora estou sempre atenta ao comportamento da turma e **assim que percebo que as crianças estão mais agitadas ou cansadas, imediatamente mudo de atividade**, começo outra tarefa ou **saio do ambiente da sala para o pátio**, onde existem **árvores**, ali realizo algumas **atividades de literatura**, de **expressão corporal**, de **concentração**, dependendo da necessidade. Quanto

ao planejamento coletivo vejo como uma atividade muito importante para o nosso enriquecimento, pois realizando no coletivo, as colegas explicam como realizaram suas atividades, colaborando assim com o crescimento do nosso trabalho, o qual surge resultados positivos, considerando que o CMEI conta com dez turmas e pode – se realizar diversas **atividades em conjunto**, como as **apresentações artísticas**, atividades de **educação física e arte**. (IC, em 22/05/2014)

Dessa forma, observou-se que a parceria do coordenador pedagógico/ professor é indispensável em todos os momentos pedagógicos. Cabe, portanto a ele o papel de organizar o saber escolar e possibilitar o acesso ao conhecimento científico; cabe a esta, o domínio da forma de organização destes conteúdos, de modo a torná-los assimiláveis ao professor que está à frente da sala de aula.

Isto está relacionado à concepção e conteúdos de cada área do conhecimento, bem como com as formas de ensino, levando os profissionais da educação a constantes reflexões e considerar que a produção das relações sociais exige do aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, visando a sua transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão da sala de aula pode ser um caminho solitário como pode ser um caminho em parceria. Com o presente trabalho foi possível constatar que o coordenador pedagógico pode contribuir para que esse caminho não seja um caminho solitário.

Nas reflexões trazidas pelas professoras do CMEI pesquisado, foi possível perceber o quanto é significativo à parceria do docente com o coordenador para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de forma satisfatória. A mediação do coordenador, entendida como parceria pode fazer grande diferença, pois é o apoio que os professores precisam no cotidiano de suas ações. Neste sentido, confirma-se a **hipótese** de que a ação efetiva e constante do coordenador pedagógico, pela mediação e não pelo autoritarismo, em parceria com os docentes, produz um trabalho pedagógico mais eficiente em sala de aula.

Um dos aspectos mais importantes dessa parceria que se evidenciou, é o **planejamento coletivo**. Também a possibilidade de aprofundar mais tal aspecto do trabalho pedagógico, nos momentos em que o calendário letivo prevê reuniões e encontros pedagógicos, para que se possa fortalecer a parceria proposta na presente pesquisa, o que certamente beneficiará a escola no seu conjunto. Estender assim esta possibilidade de pesquisa em outros trabalhos científicos, para aprofundar ainda mais o planejamento coletivo nos aspectos históricos e em outras instâncias do coletivo escolar em suas diversas formas de participação.

REFERÊNCIAS

ARENDS R. **Aprender a Ensinar**. Lisboa, São Paulo: McGraw-Hill, 1995.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - LDB 9394, de 1996. Brasília, DF: MEC/SEF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 24 de maio de 2014.

DALBEN, ANGELA I. L. **Conselhos de classe e avaliação** - perspectivas na gestão pedagógica da escola. São Paulo: Papirus, 2004.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GUERA, M. G. **O discurso do Coordenador Pedagógico**: uma perspectiva histórico Cultural. Revista virtual de Estudos de linguagem. Vol. 4. 2006.

NÓVOA, Antonio (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

MARTINS, L. A. **Breve Reflexão sobre o ato de planejar**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/breve-reflexao-sobre-o-ato-de-planejar>. Acesso em -1 de julho de 2014.

PARO, V. H. **Escritos sobre Educação**. São Paulo: Xamã, 2001

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática.** 7. Ed. São Paulo: Cortez. 2006

PLACCO, V. M. N. S.; Um estudo de representações sociais de professores do Ensino Médio quanto à AIDS, às drogas, à violência e à prevenção: o trabalho com grupos focais. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. **Experiência e representação social: questões teóricas metodológicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 295-314.

REGO, Teresa Cristina. **Brincar é coisa séria.** São Paulo: Fundação Samuel, 1992.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAVIANI, Dermeval, **Escola e Democracia:** São Paulo. Cortez. 2008.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In. NÓVOA, A. (Org). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

STOLTZ, Tânia. **As perspectivas construtivista e Histórico-Cultural na educação escolar.** Curitiba: ibpex, 2008.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Libertad. 2002.

_____. **O Professor Coordenador Pedagógico como Mediador do Processo de Construção do Quadro de Saberes Necessários.** Cadernos Libertad. 2011.

_____. **Gestão de Sala de Aula.** Disponível em <https://www.youtube.com>. Acesso em 06 de maio de 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.